

DIAS & RIEDWEG

Desde 1993, o coletivo formado por Maurício Dias (Rio de Janeiro, 1964) e Walter Riedweg (Lucerna, 1955) realiza projetos de arte que investigam as maneiras como psicologias privadas afetam, constroem e desconstroem o espaço público, e vice-versa.

Maurício Dias se graduou em gravura na EBA-UFRJ em 1986; posteriormente fez um mestrado em artes visuais na Schule für Gestaltung de Basileia, na Suíça, quando conheceu Walter Riedweg, que, por sua vez, se graduou na Musik-Akademie de Lucerna e depois cursou teatro na Dimitri Schule, ambas na Suíça. Dias & Riedweg mudaram-se para Nova York em 1992, onde Riedweg frequentou o Performance Studies da New York University, e Dias, o New York City Printmaking Studio. O início da parceria, em 1993, enquanto dividem um ateliê em Williamsburgh, Brooklyn, surge de questões comuns aos dois artistas, tais como os métodos de produção, reconhecimento e distribuição do que então era chamado de arte e cultura. Insatisfeitos com as respostas apresentadas pelos sistemas de arte e teatro na época, eles passam rapidamente a trabalhar com métodos colaborativos em que parceiros não identificados como produtores de cultura irão tomar parte direta na execução de cada projeto.

Em Dias & Riedweg, a própria ideia do coletivo é tema e forma na obra, não só porque toda ideia surge do diálogo entre eles, mas porque essa ideia é paulatinamente modificada e ampliada no diálogo com outros parceiros que os artistas vão frequentemente buscar fora do mundo da arte para justamente poder repensar, desconstruir e reconstruir os processos que unem ou separam, incluem ou excluem as pessoas na cultura e na sociedade. Nesse sentido, temas como racismo, distribuição de renda, sexualidade, gênero, expressão individual e identidade sociopolítica sempre constituíram o elemento central em sua produção, sem necessariamente ser o tema abordado nas obras.

Mais do que retratar particularidades ou mapear identidades sociais, a obra de Dias & Riedweg investiga os métodos de exclusão e inclusão que vão construir (ou apagar) essas identidades coletivas. O trabalho nunca foi *a priori* definido por agendas políticas e, sim, pela empatia dos encontros que surgem no percurso de trabalho dos artistas. Um trabalho leva ao outro.

Em um conjunto atual de mais de 100 obras feitas ao longo de 30 anos, nas quais a alteridade e a percepção são questões centrais, Dias & Riedweg frequentemente partem de *workshops* e processos interativos em grande parte centrados nas periferias dos grandes centros urbanos para produzir encontros e trocas em meio a grupos particulares da sociedade, cujo enfoque está na identidade e no envolvimento dos participantes. O vídeo surge como elemento de convergência entre as práticas visuais (de Dias) e o teatro (de Riedweg), e deles com os outros que encontram no processo.

Tais encontros com o outro se cristalizam em videoinstalações para o grande público, pelas quais os espectadores são levados a repensar suas convicções como sujeitos, bem como a relacioná-las a diferentes contextos geográficos e sociais nos quais o rápido empobrecimento cultural, o aumento da xenofobia e o medo de marginalização são evidentes.

A duração e a metodologia aplicada nos encontros e projetos diferem, podendo ser um encontro ou vários ao longo de anos. Tudo depende da maneira como cada projeto inscreve a existência desses outros participantes na esfera pública e sua ressonância na sociedade. Os artistas preferem não definir esse ponto como único critério crítico para assim garantir a liberdade de o outro participante poder adentrar e se afastar dos projetos em curso; poder também garantir a liberdade (e a contradição) das ideias abordadas e, finalmente, para também evitar as instrumentalizações dessas práticas estéticas experimentais pela estruturas de poder do corpo social com a qual necessariamente dialogam.

Dias & Riedweg rapidamente deixam o ateliê para operar diretamente em estruturas sociais existentes, tais como favelas, locais ocupados, centros de refugiados, escolas, prisões e hospitais psiquiátricos. Seus parceiros podem ser os excluídos e os que excluem... os internos de uma prisão e juizes, pacientes de um hospício e psiquiatras, alunos e professores, policiais e traficantes, padres, pastores, assistentes sociais e governantes eleitos, imigrantes ilegais e guardas de fronteira. Todos se apresentam nos projetos como se entendem, e são representados pelos artistas como partes componentes de um sistema que a obra ao mesmo tempo representa e questiona. A interterritorialidade de representações micro e macropolíticas é a marca fundamental da obra.

Contato:

www.dias-riedweg.com | <https://www.instagram.com/dias.riedweg>
mauwalatelier@gmail.com



Figuras 1 e 2
Devotionalia, 1995
Projeto de arte pública e
videoinstalação com 1.286
peças de cera e 2.500
moldes de gesso
Duração: 46'34" | Instalação
de dimensões variáveis



Figura 3
O avesso do céu, 2023
vídeo monocanal e instalação
3 canais, 4K com áudio,
40 minutos



Figura 4

O avesso do céu, 2023
vídeo monocanal e instalação
3 canais, 4K com áudio,
40 minutos

Como citar:

Dias & Riedweg. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 285-289, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.17>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.